

Etnografia e ética nos estudos sobre a morte e o morrer

RESUMO

Neste artigo coletamos alguns estudos sobre a morte e o morrer que utilizam a etnografia como método central de análise para, posteriormente, mostrar como, na atualidade, a relação entre morte e etnografia é cada vez mais influenciada pela problemática da ética. Revisitamos inicialmente estudos do final do século XIX para, em seguida, analisar esses desdobramentos nos primeiros manuais disciplinares e nas etnografias sistemáticas que abordaram o problema, como forma de analisar outras esferas da vida cotidiana. Mostramos também os interesses centrais dos primeiros estudos inteiramente dedicados a esse eixo, bem como as obras que deram nome a essa corrente de pesquisa. As investigações das últimas décadas destacam a pesquisa como um acontecimento construído com os interlocutores e que aponta os perigos do extrativismo metodológico, embora exista ainda certo imaginário sobre a inocuidade da Etnografia. Segundo nosso ponto de vista, os estudos etnográficos sobre a morte não podem e não devem evitar as questões éticas que envolvem a pesquisa.

Palavras-chave: Morte; Mortos; Morrer; Etnografia; Ética em pesquisa.

* * Doutora em Antropologia pela Universidade de Buenos Aires. Investigadora Assistente do CONICET, com sede no Instituto de Ciências Antropológicas da Universidade de Buenos Aires (ICA-UBA). CV: https://www.conicet.gov.ar/new_scp/detalle.php?keywords=&id=37030&datos_academicos=yes

** ** Doutora em Ciências Sociais pela Universidade de Buenos Aires. Investigadora adjunta do CONICET, com sede no Programa Sociedad, Cultura y Religión do Centro de Estudios e Investigaciones Laborales (CEIL). CV: https://www.conicet.gov.ar/new_scp/detalle.php?id=33584&datos_academicos=yes

Ethnography and Ethics in Studies on Death and Dying

ABSTRACT

In this article, we collect studies on death and dying that use ethnography as a primary analysis method to show how the problem of research ethics increasingly influences the relationship between death and ethnography. First, we review late 19th century studies. Then, we analyze these developments in the first disciplinary manuals and in the systematic ethnographies that approached the problem to analyze other spheres of daily life. We also show the main interests of the first studies devoted entirely to this axis and the works that gave name to this research field. Current studies highlight research as an event that is co-constructed with the interlocutors and raises the dangers of methodological extractivism, although there is still a particular imaginary about the harmlessness of ethnography. From our perspective, ethnographic studies on death cannot avoid asking about the ethical questions surrounding the investigation.

Keywords: Death; Dead; Dying; Ethnography; Research ethics

La etnografía y la ética en los estudios sobre la muerte y el morir

RESUMEN

En este artículo recopilamos algunos antecedentes de estudios sobre la muerte y el morir que utilizan la etnografía como método central de análisis para luego mostrar cómo, en la actualidad, la relación entre muerte y etnografía se encuentra cada vez más influenciada por el problema de la ética en la investigación. Partimos de una revisión sobre los estudios de fines del siglo XIX. Luego, analizamos estos desarrollos en los primeros manuales disciplinarios y en las etnografías sistemáticas que abordaron la problemática como medio para analizar otras esferas de la vida cotidiana. También mostramos los intereses centrales de los primeros estudios abocados por entero a este eje, así como los trabajos que dieron nombre a esta corriente de investigación. Las investigaciones desde aproximadamente la década de 1980 realzan la pesquisa como un evento que se co-construye con los interlocutores y se plantea los peligros del extractivismo metodológico, aunque persiste aún cierto imaginario sobre la inocuidad de la etnografía. Desde nuestra perspectiva los estudios etnográficos sobre la muerte no pueden ni deben eludir preguntarse sobre las cuestiones éticas que envuelven la investigación.

Palabras clave: Muerte; Muertos; Morir; Etnografía; Ética de la investigación



Desde o início da disciplina antropológica, diversos trabalhos (Godelier, 2014; Hidalgo, 2010) demonstram que os grupos humanos – inclusive os ocidentais – estabelecem dinâmicas e complexas articulações entre mortos e vivos. Contudo, o trabalho etnográfico permanece esquivo à temática da morte e do morrer¹ e quando há estudos sobre o tema, observa-se que eles privilegiam as sociedades não ocidentais (Robben, 2004). Vale indicar que foram as demandas de profissionais de outras disciplinas, como da Medicina, mais do que o próprio interesse, o que impulsionou alguns etnólogos ao desenvolvimento de pesquisas sobre esses temas (Godelier 2014).²

Como sugeriram Bryonny Goodwin-Hawkins e Andrew Dawson (2017), nesse processo foi central a própria natureza da Etnografia como método de análise. De fato, em geral, a Etnografia implica no estudo intensivo de uma população ao longo de certo período de tempo, na qual a residência e o tempo compartilhados podem contribuir para o desenvolvimento de laços afetivos entre o pesquisador e os interlocutores. Neste contexto de afinidade, o estudo sobre a morte é árduo e doloroso, uma vez que pode implicar na perda de interlocutores e, também, na evocação de imaginários ou de seres sobre os quais nem sempre podem ou desejam falar (Martínez, 2013).

Este artigo não pretende enumerar as análises sobre a morte, pois há importantes contribuições nessa direção (Humphreys & King, 1981; Palgi & Abramovitch, 1984; Parkes, Laugani, & Young, 1997; Robben, 2004; Gayol & Kessler, 2011). Nosso objetivo é sintetizar alguns antecedentes de estudos sobre a temática, que utiliza a Etnografia como método central de análise para, posteriormente, demonstrar como, na atualidade, a relação entre morte e Etnografia é influenciada cada vez mais pela ética na pesquisa. Esta revisão de pesquisas não pretende ser exaustiva, pois consideramos que, segundo os avanços deste campo de estudos, é impossível enumerar a totalidade de autores dedicados ao tema.

Para dar conta dessa diversidade a partir do paradigma interpretativo das Ciências Sociais (Vasilachis de Gialdino, 2006), indicamos algumas indagações em torno dela: como é possível o estudo dos mortos, das mortes e do morrer, segundo a/s perspectiva/s etnográfica/s? Como são considerados os aspectos referentes à ética da pesquisa? A partir dessas perguntas efetuamos levantamentos em bases de dados, como Redalyc e SciELO, utilizando os termos: “etnografia e morte”, “etnografia e mortos”, “etnografia e morrer”, e encontramos 57 artigos no período 2019-2020. Após uma abordagem histórica em torno dos aportes clássicos da Antropologia, apresentamos os resultados de nossa análise, enfatizando a revisão de artigos publicados nas bases de dados regionais nos anos 2019 e 2020.

¹ Sandra Gayol y Gabriel Kessler (2011) sugerem que os inícios disciplinares da Etnologia e da Sociologia, na década de 1980 e no período de 1990 até a segunda década do século XXI, constituem exceções a estes processos.

² Em um livro recente sobre a temática, Maurice Godelier (2014) explica os motivos dessa publicação nos seguintes termos: “En 2011 un certain nombre de médecins, de juristes, de spécialistes des politiques de la santé nous avaient posé tout simplement cette question: “pourriez-vous nous éclairer sur les façons dont la mort es conçue et vécue dans d’autres sociétés que la nôtre?” (Godelier, 2014, p. 9).

Etnografias sobre os mortos, a morte e o morrer

As pesquisas da Escola Sociológica Francesa são consideradas como os primórdios dos estudos acerca da problemática da morte. De base positivista, metodologia estatística e características que conduzem à legitimação da Sociologia como disciplina científica, os estudos de Émile Durkheim sobre o tema (1897) definiram referenciais analíticos que foram retomados em muitas investigações posteriores. Sua influência direta se destaca na obra de Robert Hertz (1917/1990), seu aluno no grupo do *Année Sociologique*, que apresentou o caráter generalizado das representações coletivas sobre a temática, a partir da análise de crenças e práticas funerárias. Faz-se necessário salientar que sua pesquisa, com perspectiva comparativa, sustentou-se nos dados disponíveis à época. Tal assertiva significa que uma indagação foi desenvolvida em gabinete, longe das práticas em campo etnográfico.

Um passo adiante foi empreendido pelos manuais metodológicos da época³, desenvolvidos a partir da ideia de facilitar, para os pesquisadores, a catalogação exaustiva de diferentes âmbitos da vida social em campo. Compostos por verdadeiras listagens sobre dados “objetivos” das populações, dedicaram parte de suas sessões a certos temas, como “culto aos mortos” ou “óbito e enterro”. No entanto, tais temas, como as outras sessões com esses textos, consistiam em uma coletânea de dados dispersos, separados dos contextos dos quais surgiram. Não havia um conjunto de informações integradas e articuladas. Neste período, o interesse de pesquisa incidia sobre a catalogação e a descrição de populações exóticas, consideradas como em via de extinção, sob a influência das transformações mundiais.

Poucos estudos se ocuparam da problemática, com exceção de alguns trabalhos comparativos de Ricardo Latcham (1915), com foco na América, e os de Effie Bendann (1930), que revisa dados sobre as variações nos costumes mortuários de grupos da Austrália, Melanésia, norte da Sibéria e Índia. Os comentários sobre as sequências paralelas de desenvolvimento cultural são frequentes nestas obras, em diálogo com o ponto de vista evolucionista. Ambas estabelecem similitudes e diferenças nos rituais mortuários, revisando material empírico de diferentes populações.

Paralelamente, em um esforço para responder às ideias evolucionistas e numa tentativa na direção de generalizar o homem primitivo, mediante uma comparação de dados de populações distantes, surgem estudos intensivos em limites geográficos específicos. Integrais e exaustivas, essas etnografias se centram, em geral, em dados sobre a morte, para abordar outras esferas da vida social. Dessa forma, por exemplo, para explicar o direito primitivo, Bronislaw Malinowski (1966/1985) parte de uma análise detalhada sobre o uso da feitiçaria e o suicídio. Seu interesse está voltado ao questionamento da ideia, pois à época, na pesquisa antropológica havia a concepção de ausência de leis nas sociedades tradicionais. Desse modo, demonstra que a reciprocidade é mais central do que a submissão automática aos costumes tribais.

Os estudos etnográficos sistemáticos focados na morte surgiram posteriormente, dando lugar a atrativas e originais publicações, dentre as quais o texto de Jack Goody, *Death*,

³ Cf. Arazandi e de Hoyos (1917), Murdock *et al.* (1938).



property and the ancestors (1962). O autor sustenta que as diferenças nas cerimônias funerárias e ancestrais de duas comunidades vizinhas do noroeste da Gana podem ser explicadas, em parte, pelas diferenças na transmissão da propriedade. Neste período também é publicado o livro *Antropologia da morte*, de Louis Vincent Thomas (1975/1993). Embora a obra, com perspectiva comparativa, não se destaque por sua metodologia, tem o mérito de proporcionar as bases para refletir sobre as relações entre morte e Antropologia, como um campo de estudos específico. Talvez uns dos aportes mais relevantes seja a compilação de pesquisas etnográficas desenvolvidas por Peter Metcalf y Richard Huntington (1991), sob uma perspectiva transcultural, que fornece exemplos interessantes sobre a temática, aprofundaram temporalmente as ideias da morte, permitindo uma compreensão de processos a longo prazo, alterando o foco para características específicas da cultura, que geralmente consistem em matéria prima de outras indagações. Assim, por exemplo, em um texto, Claudio Lomnitz (2005) sugere que a função da morte no México não se refere a uma “tradição inventada”. O autor demonstra que a morte foi central para a formação do Estado moderno no México e se expandiu no discurso político.

Os estudos etnográficos centrados na morte e no morrer têm recebido significativo impulso nos últimos trinta anos, a partir de uma série de compilações que evidenciaram grande diversidade de pesquisas que convergem em torno da temática. Para citar alguns exemplos, durante 2001 a Revista *Chungara* dedicou um volume inteiro ao tema, compilando artigos de pesquisadores e análises produzidas por nativos. Em 2004, a Universidad Nacional Mayor de San Marcos (Peru) editou o livro *Imagen de la muerte* (Leonardini, Rodríguez Quispe & Cabanillas Delgadillo, 2004), que reúne os trabalhos apresentados no Primeiro Congresso Latino-americano de Ciências Sociais e Humanidades, intitulado “Imagens da morte”, dedicado ao tema. Posteriormente, em 2007, a Universidad de Castilla - La Mancha publicou *Etnografías de la muerte y las culturas en América Latina* (Flores Martos & Abad González, 2017), com diversos estudos etnográficos. A publicação de 2014, de um número especial sobre a temática, na coletânea *Bibliothèque de l'Anthropologie* dirigida por Maurice Godelier, conta com caráter similar. Na Argentina, o primeiro livro que reúne pesquisas especializadas sobre a morte e o morrer segundo uma perspectiva etnográfica foi editado em 2010 por Cecilia Hidalgo (Hidalgo, 2010).

Estas, e as publicações que se seguem, possuem uma preocupação dirigida a certas questões, como o papel dos e das pesquisadores/as no campo, as implicações dos procedimentos da Etnografia e o cuidado com o anonimato dos e das interlocutores/as, para citar alguns exemplos. Os subtemas presentes na área de estudos da morte que utiliza a Etnografia como método, conforme referido, estão continuamente em desenvolvimento. Os estudos sobre as experiências com a morte de crianças e suas formas coletivas de comunicação emocional (Gómez Ruiz, 2013), os distintos desenvolvimentos teórico-conceituais sobre a materialidade do corpo morto (Uzal, 2019), o processo de saúde, doença e morte, e as questões comunitárias sobre a morte (López Machado, 2020), assim como a comunicação com os mortos e sua presença na vida cotidiana (Villalón, 2020) constituem temas de interesse. Outro eixo fundamental provém dos estudos que se ocupam do relacionamento do Estado e da política com os mortos. Dentre estes, destacam-se as análises sobre os desafios do processo



burocrático de classificação de cadáveres sem identificação (Carlini Comerci & Martínez, 2019), o encontro com cadáveres, nos bairros de suas cidades e os itinerários post-mortem destes corpos (Kobelinsky, 2020), além das pesquisas em torno de mortes violentas (Orjuela Villanueva, 2020). Os estudos sobre a morte realizados em cemitérios, há tempos associados à enumeração de características arquitetônicas, recentemente voltaram-se para indagações sobre devoções (Maia, 2020) ou utilizam técnicas de campo sustentadas na Antropologia visual (Giampaoli, 2019), entre outras questões.

Por outro lado, destaca-se uma área de investigação, denominada Etnografia hospitalar (Menezes, 2004 e 2006; Irrazábal, 2015; Aredes et al., 2017). Os estudos em torno de processos de final de vida em unidades de cuidados intensivos, Etnografia focada em cuidados paliativos (Reigada, Arantzamendi & Centeno, 2020), as questões relacionadas à morte encefálica, à doação de órgãos e o falecimento em instituições geriátricas apresentam perspectivas analíticas que aprofundam os significados associados às vidas avaliadas como em condições de viver, e quando deixar de prolongar a vida e, também, as formas de gestão da morte (Le Theule, Lambert & Morales, 2020).

O problema da ética no estudo de contextos mortuários

Cabe mencionar que, os estudos com perspectiva etnográfica referidos, especialmente aqueles vinculados ao contexto hospitalar e ao campo da Saúde que mencionam suas pesquisas, devem ser submetidos à avaliação de um comitê de ética em pesquisa⁴. Estes podem ser da própria universidade na qual é desenvolvida a pesquisa ou da instituição sanitária em que ocorre o trabalho de campo (o que depende das normas de cada país). Particularmente a partir da década de 1990 houve um aumento das reflexões sobre a ética da investigação em Ciências Sociais e, em particular, na Etnografia (Santi, 2016). De um lado, os autores apresentam questões vinculadas ao trabalho de campo e os desafios no tocante aos vínculos com os interlocutores, a confiança, o anonimato, a confidencialidade e os limites morais envolvidos nos processos de pesquisa (Bover, 2019; Fasano, 2019; Ohanian, 2019; Zenobi, 2019). Por outro lado, refletem acerca da pertinência e necessidade de elaboração de códigos como consequência do incremento da documentação com pautas de orientação ética para pesquisadores em Ciências Sociais e Humanidades (Sanjari et al., 2014; Matta, 2019; Zenobi, 2019). As reflexões aparecem também em um contexto latino-americano no qual, a partir da década de 1990, houve uma regulamentação das investigações com seres humanos, em distintas normativas, e o estabelecimento de comitês de ética de pesquisa nos países da região, principalmente na Argentina, Chile, Brasil e Uruguai (Lolas Stepke, 2010). No campo da Saúde, nas pesquisas, sejam experimentais ou observacionais, é preciso contar com aprovação de um

⁴ O tema propicia indagações e problemas para o trabalho antropológico, como, por exemplo, na Argentina, onde a publicação dos resultados das investigações em ciências da Saúde requer o aval de um Comitê de Ética em Pesquisa reconhecido pelo ministério da saúde da jurisdição na qual foi realizada a investigação. Contudo, na formulação de projetos etnográficos sobre a morte e o morrer nem sempre é necessária aprovação desse comitê, o que implica, na prática, uma dificuldade de difundir os resultados, na maior parte das revistas especializadas.



comitê de ética em pesquisa, apesar do fato de que as universidades dos países do Cone Sul começaram a contar com seus próprios comitês de ética, para avaliar projetos de pesquisa e de intervenção (Medina & Mazzola, 2007).

Nessa direção, destaca-se o número crescente de revistas científicas que demandam aos autores que especifiquem os critérios de análise. Assim, surgem estudos sob perspectiva etnográfica, que apresentam variáveis “operacionalizadas e analisadas”. A morte aparece como variável operacionalizada (Armendariz Dyer, 2018). Também se surgem codificações, linha por linha, para análise temática (Braun & Clarke, 2020), especificações sobre validade e confiabilidade dos códigos. a partir de contraste simultâneo do consenso entre os pesquisadores e a utilização de “listas de verificação”, para checar a validade das pesquisas (Armendariz Dyer, 2018; Gaete Ortega, Papathanassoglou, Norris, 2020). A análise dos dados também é considerada um aspecto central, a partir da perspectiva da ética de pesquisa. A adequação das etnografias a tais critérios pode ser uma pedra no caminho para os pesquisadores, especialmente quando consideradas as exigências definidas e solicitadas por outras disciplinas.

Nessa direção, os trabalhos de reflexão ética assinalam principalmente as dificuldades que têm sido encontradas nos processos de avaliação pelos comitês institucionais de bioética (Gazzotti, 2016). Nesse ponto, destacam-se uma série de equívocos e confrontos da perspectiva positivista que impera no campo da saúde biomédica no que diz respeito à perspectiva etnográfica. As avaliações dos comitês de ética na área da Saúde possuem mais conhecimento sobre metodologias quantitativas e experimentais, pois avaliam principalmente protocolos de investigação vinculados ao teste de medicamentos, tratamentos ou terapias específicas (Suárez-Obando y Gómez-Restrepo, 2017). A questão sobre a adequação de uma pesquisa etnográfica a uma forma de apresentação diante de um comitê de ética formulado para projetos experimentais também aparece como um problema apontado por pesquisadores, assim como as dificuldades de diálogo devido ao restrito conhecimento da perspectiva etnográfica nos comitês de avaliação de ética (Suárez-Obando y Gómez-Restrepo, 2017). Por sua vez, surgem dúvidas quanto à necessidade da submissão de investigações sociais à avaliação ética, por serem consideradas inócuas, em alguns casos, já que não são de tipo experimental (Santi, 2016). Tal quadro não leva em conta, por exemplo, as dinâmicas de certo trabalho de campo, como o extrativismo metodológico de Restrepo (2016). Contudo, foi demonstrado que as investigações sociais, e particularmente as de tipo etnográfico, podem implicar em certos danos potenciais (Santi, 2016).

Os aspectos éticos avaliados para pesquisas que envolvem seres humanos, segundo as recomendações dos organismos internacionais (Asociación Médica Mundial [AAM], 2013; United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization [UNESCO], 2005), referem-se ao consentimento informado, que pode ser oral ou escrito⁵, sempre individual, e que forneça informações claras. Espera-se que, ao explicar os objetivos da pesquisa, a compreensão e a voluntariedade da participação das pessoas sejam garantidas. Além disso, espera-se que seja

⁵ O tema do consentimento informado pode acarretar complicações para os estudos de tipo etnográfico. Os comitês de ética em pesquisa geralmente os solicitam de maneira escrita, em um documento assinado pelo investigador e os interlocutores e em alguns casos, diante de uma testemunha.

garantida a proteção da identidade, de riscos e de danos possíveis. A questão da comunicação e a publicação de resultados é também um aspecto central. Espera-se que nas publicações, além de aspectos vinculados à integridade, como a não falsificação de dados, o plágio e o comportamento extrativista (Restrepo, 2016, p. 85), haja especial ênfase sobre o resguardo da identidade, para evitar danos aos participantes (Zenobi, 2019).

A gestão dos dados é outro tema analisado na avaliação ética. Deve-se considerar quais os tipos de dados construídos, os tipos de bases de dados, em que locais serão colocadas as bases de dados e como serão protegidas. A questão da propriedade dos dados em uma pesquisa tem várias arestas. Os dados são do pesquisador ou dos sujeitos da pesquisa? Pertencem à entidade que financia o estudo? Por exemplo, na Argentina, a partir da lei 26.899 sancionada em 2013 e regulamentada em 2016, é regulamentada a criação de repositórios digitais institucionais de acesso aberto. Ali "deben ser depositados en acceso abierto tanto las publicaciones como los datos primarios que sustentan las investigaciones públicamente financiadas, total o parcialmente" (Actis & Carlino, 2017, p. 218). Sob esta legislação, todos os dados primários deverão ser publicados como *datatest* e disponibilizados a toda a comunidade acadêmica, em um prazo de 5 anos⁶. Os repositórios digitais podem incluir dados textuais, registro de áudio, vídeos e imagens (Sandí Delgado & Cruz Alvarado, 2017). A questão do anonimato de todo tipo de dado passível de identificação das pessoas que participaram da pesquisa conduz a dilemas, como a crescente utilização de software de identificação de voz, da parte de forças de segurança que usam dados de repositórios universitários (públicos e de acesso aberto) para identificar possíveis infratores da lei (Dumiak, 2018). Essa situação e o surgimento de regulamentações que indicam quais informações os pesquisadores são obrigados a revelar, caso as autoridades judiciais assim o requeiram, têm conduzido alguns autores a considerar tratar-se de uma "traição ao princípio de confidencialidade na investigação social" (Lowman & Palys, 2013).

A questão da proteção da identidade alcança os avatares e pseudônimos no espaço da internet e demais mundos cibernéticos, nos quais o pesquisador também deve entrar com um avatar (Márquez, 2014). A etnografia virtual, suas características e dilemas éticos têm sido amplamente desenvolvidos desde fins da década de 1990 (Hine, 2004). No entanto, há associações profissionais de pesquisadores na internet e guias éticos para a pesquisa virtual (Association of Internet Researchers [AOIR], 2019). Apesar de tal cenário, permanece um imaginário que considera a internet como um espaço público e acessível a todos e que, a partir de tal pressuposto, avalia não ser necessário solicitar permissão nem obter o consentimento para aquisição de informação textual e audiovisual (Márquez, 2014). Com o incremento do uso de meios telemáticos de investigação, a partir da pandemia da COVID-19, as questões éticas e metodológicas relacionadas ao levantamento de dados na internet devem ser contempladas em maior profundidade.

Em relação ao risco de investigações sociais e a Etnografia em particular, surge a dificuldade referente à forma como estas podem ser avaliadas. Suárez - Obando y Gómez-

⁶ Lei nº 26.899 (2013, 13 de novembro). Repositórios digitais institucionais de acesso aberto. Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação.

Restrepo (2017) desenvolveram reflexões sobre os principais aspectos que geralmente são contemplados em uma revisão ética de um projeto de investigação social.

Quadro 1 – Principais aspectos de uma revisão ética de projetos em ciências sociais.

- 1) propósito e objetivos da investigação;
- 2) descrição da população de estudo;
- 3) descrição das consequências para os participantes do estudo;
- 4) duração e localização (física) do estudo;
- 5) esclarecimentos em torno do processo de levantamento de dados (gravação, cadernos de campo etc.); assim como onde, por quanto tempo e quem será o responsável pelos dados e pela informação derivada;
- 6) descrição das formas de garantia de anonimato;
- 7) financiamento do estudo;
- 8) implicações econômicas e, se houver, para os sujeitos;
- 9) informação de contato para os sujeitos;
- 10) métodos de identificação dos pesquisados;
- 11) instrumentos para contato com os informantes (cartas, avisos publicitários, mensagens em redes sociais, etc.);
- 12) instrumentos de levantamento de dados (inquéritos, entrevistas, questionários), junto com uma avaliação do potencial risco ao colocar os pesquisados em situações embaraçosas, de estigmatização, segregação, discriminação ou em risco de perseguição policial ou judicial;
- 13) abordagem ou posicionamento do pesquisador sobre o consentimento informado juntamente com o próprio termo de consentimento, se necessário;
- 14) pensamento ou posição frente à participação de menores de idade, assentimento e participação dos pais no processo;
- 15) pensamento ou posição do pesquisador sobre publicações e difusão de resultados.

Fonte: Suárez-Obando e Gómez-Restrepo (2017, pp. 332-333).

Segundo Santi (2016), o risco de uma investigação social concerne à possibilidade de eventos ou situações indesejáveis capazes de gerar danos passíveis de afetar a pessoa com severidade. Nestas pesquisas, afirma Santi (2016), há uma tendência a subestimar certas situações, como estresse, mal-estar psicossocial, estigmatização e qualquer aspecto da vida pessoal dos sujeitos que possam se considerar prejudicados por sua participação no estudo e na publicação dos resultados.

Finalmente, em relação aos benefícios da pesquisa, há dúvidas sobre: o que obtêm as e os participantes por colaborar na pesquisa, e quais são as obrigações das e dos pesquisadoras/es para os/as participantes? (Santi, 2016). Embora a pesquisa em Ciências Sociais tenha como principal benefício coletivo a contribuição ao conhecimento sobre um tema, há uma tensão com o que tem sido chamado de interesse instrumental dos pesquisadores (Calandrón, 2019). A partir dos dados dos sujeitos de investigação, as/os pesquisadoras/es acumulam antecedentes

e/ou apresentam teses doutorais que as/os beneficiam individualmente. Esta tensão geralmente é compensada com uma posição epistemológica de construção em parceria do conhecimento, que se afasta do extrativismo metodológico (Restrepo, 2016).

Em síntese, a questão da ética nas pesquisas de perspectiva etnográfica no momento de uma avaliação por parte de comitês de revisão, nem sempre nem sempre apresenta concordância com o estilo esperado nos formulários com base em modelos de protocolos experimentais. Além disso, se deparam com as exigências das políticas editoriais das revistas científicas que solicitam cada vez mais a publicação de artigos de investigações com seres humanos por meio de entrevistas, observações e/ou imagens, se contarem com a aprovação de comitê de ética ou, ao menos, com especificações claras dos aspectos éticos considerados no levantamento de dados.

Considerações finais

Neste artigo sintetizamos alguns modos de entrecruzamento entre Etnografia e morte, para ilustrar como tal vínculo fica cada vez mais afetado pela problemática da ética na pesquisa. Trabalhamos em torno de duas indagações. 1) Como são estudados os mortos, as mortes e o morrer, segundo a/s perspectiva/s etnográfica/s? Y 2) Como são considerados os aspectos relativos à ética da pesquisa?

Abordamos a primeira questão expondo uma revisão sintética de como os estudos clássicos do final do século XIX enfocaram o assunto levando em consideração suas preocupações metodológicas e as produções publicadas nos últimos anos, em base de dados latino-americanas, como SCIELO e REDALYC, durante 2019 e 2020. Analisamos esses desenvolvimentos nos primeiros manuais disciplinares e nas etnografias sistemáticas que abrangeram a temática como forma de analisar outras esferas da vida cotidiana. Apresentamos os interesses centrais dos primeiros estudos dedicados a este eixo, assim como os trabalhos que deram nome a essa corrente de pesquisa. Em cada caso, buscamos indicar o papel da etnografia nessas pesquisas. As formas de desenvolvimento foram diversas, embora coincidam no que concerne à presença do investigador por longo período no campo e o uso de observação participante (Ameigeiras, 2006). As diferentes abordagens impactam o modo de análise dos dados produzidos pelas pesquisas etnográficas, que também são diversas. Há autores que recomendam transcrever entrevistas ou diários de campo para codificação linha por linha (Brulé & Finnigan, 2020), e aqueles que rejeitam este tipo de abordagem analítica, por considerá-la contrária à perspectiva etnográfica (Rockwell, 2009). Rockwell (2009, p. 70) sustenta que não tem sentido fazer um estudo etnográfico para desenvolver uma codificação e quantificação de dados.

Interessa aqui mencionar que, no período em que se desenvolveram os primeiros estudos apresentados neste artigo (finais do século XIX e princípio do século XX), o interesse científico em geral e o dos estudos mortuários em particular estava longe de efetuar questionamentos em torno da questão ética. Entretanto, no contexto contemporâneo consiste em um tema



relevante, embora do nosso ponto de vista a disciplina antropológica e as Ciências Sociais em geral devam tornar as discussões sobre o tema mais complexas e aprofundadas.

Além desse debate, o que nos interessou foi manifestar como, e cada vez mais frequentemente, a questão da ética no exercício profissional, impulsionada pelos desenvolvimentos de organismos internacionais que empreendem pesquisas com seres humanos, está presente nas investigações sobre a morte. Como salientamos, este dado também está expresso em um leque de ações com seres humanos que indicam questões referentes ao anonimato dos atores, às demandas das universidades e instituições dos pesquisadores, às exigências da indústria editorial e as demandas de avaliação das pesquisas por um comitê de ética em pesquisa, entre outras ações. Apesar destas dificuldades, segundo nossa perspectiva, os estudos etnográficos sobre a morte não podem nem devem dispensar perguntar sobre as questões éticas que envolvem a pesquisa. Embora as investigações das últimas décadas indaguem o papel do pesquisador no campo, destacando-os como eventos que são construídos com seus interlocutores, além de questionar os perigos do extrativismo metodológico, ainda persiste certo imaginário sobre a inocuidade da Etnografia. Tal concepção persiste na ideia de que só os estudos de investigação etnográfica realizados em instituições de Saúde apresentam avaliação ética. Os outros, embora contem com uma reflexão sobre o lugar dos pesquisadores, não são submetidos à revisão ética formal em nenhuma instância. Em parte, tal quadro é decorrente do privilégio da narrativa descritiva de resultados. Apresenta-se uma descrição do que foi realizado e do que ocorreu no campo, de modo a constituir uma instância interpretativa, mas sem aprofundamento (Ameigeiras, 2006, p. 138).

Assim, a Etnografia em geral e, especificamente aquela que se ocupa da morte, apresenta riscos, danos e benefícios para os interlocutores, que não devem ser omitidos.

Tais questões evidenciam a diversidade de abordagens e refletem as tensões da Etnografia, que alguns autores consideram como técnicas, outros como enquadre metodológico, e outros, como paradigma de investigação e até texto (Guber, 2001; Ameigeiras, 2006; Restrepo, 2016). Nesse sentido, é necessário aprofundamento das questões referentes aos procedimentos de análise de dados e aspectos éticos das pesquisas que sustentam as publicações em muitos trabalhos analisados neste artigo. É preciso considerar que, na construção do conhecimento com os interlocutores das investigações, as formas textuais que resultam dessa construção devem contar com discussão ética. Deste modo, surgem novos espaços de debate e intercâmbio, dando lugar a um corpus acadêmico produtivo sobre as interações entre cultura e morte. Talvez se trate de um dos poucos universais que homogeneiza a diversidade e complexidade dos mundos sociais.

Referências bibliográficas

Actis, G. & Carlino, L. (2017) Plan de Gestión de Datos en CONICET: análisis, experiencia y desafíos. *VII Conferencia Internacional sobre Bibliotecas y Repositorios Digitales y XII Simposio Internacional de Bibliotecas Digitales*. Universidad Nacional de La Plata.

Ameigeiras, A. (2006). El abordaje etnográfico en la investigación social. En I. Vasilachis de Gialdino (Coord.). *Estrategias de investigación cualitativa* (pp. 107-151). Barcelona: Gedisa.



- Arazandi, T. & de Hoyos Sainz, L. (1917). *Etnografía. Sus bases, sus métodos y aplicaciones*. Madrid: Biblioteca Corona.
- Aredes, J. de S. et al. (2017). Reflexões sobre um fazer etnográfico no pronto-socorro. *Cadernos de Saúde Pública*, 33 (9), 9-12. <https://doi.org/10.1590/0102-311x00118016>. PMID:28977277
- Armendariz Dyer, M. J. (2018). "Thou Shalt Not Die in This Place": An Ethnomethodological Approach to an Ecuadorian Hospice Through Symbolic Interactionism. *Omega. Journal of death and dying*, 82 (2), 278–293. <https://doi.org/10.1177/0030222818810042>. PMID:30426829
- Asociación Médica Mundial (2013) *Principios Éticos para las investigaciones médicas con seres humanos*. Asamblea General. <https://www.wma.net/es/policias-post/declaracion-de-helsinki-de-la-amm-principios-eticos-para-las-investigaciones-medicas-en-seres-humanos/>
- Association of Internet Researchers. (2019) *Internet research: ethical guidelines 3.0*. <https://aoir.org/ethics/>
- Bendann, E. (1930) *Death customs. An analytical study of burial rites*. London: Kegan Paul, Trench, Truber & Co. Ltd.
- Bover, T. (2019) Un día a los tiros: acceso y confianza en una investigación sobre policías. *Publicar*, 17 (27), 12-22.
- Braun, V. & Clarke, V. (2020, August 12) One size fits all? What counts as quality practice in (reflexive) thematic analysis? *Qualitative Research in Psychology*, 18 (3), 1–25. <https://doi.org/10.1080/14780887.2020.1769238>
- Brulé, E. & Finnigan, S. (2020, April 22). How to do a Thematic Analysis. *UsabilityGeek*. <https://medium.com/usabilitygeek/thematic-analysis-in-hci-57edae583ca9>
- Calandrón, S. (2019). Presentación del dossier "Problemas éticos de la investigación etnográfica". *Publicar*, 17 (27), 8–11.
- Carlini Comerci, S. & Martínez, B. (2019). El campo burocrático del anonimato: agentes, instituciones y recorridos del cuerpo muerto N.N. en Tres de Febrero y San Martín (Provincia de Buenos Aires, Argentina). *Revista M: estudios sobre a morte, os mortos e o morrer*, 4 (7), 344-377. <https://doi.org/10.9789/2525-3050.2019.v4i7.142-161>
- Dumiak, M. (2018, May 16) Interpol's New Software Will Recognize Criminals by Their Voices. *IEEE Spectrum: Technology, Engineering, and Science News*. <https://spectrum.ieee.org/interpol-s-new-automated-platform-will-recognize-criminals-by-their-voice#toggle-gdpr>
- Durkheim, É. (1897/2006). *El suicidio*. Buenos Aires: Miño y Dávila.
- Fasano, Patricia. El trabajo de campo etnográfico. Cuando la metodología socorre a la ética. *Publicar*. Buenos Aires, v. 17, n. 27, p. 23–33, 2019. Disponible en: <https://ppct.caicyt.gov.ar/index.php/publicar/article/view/17388>. Acceso en: 14/03/2021.
- Flores Martos, J. A. & Abad Gonzalez, L. (Coord.). (2017). *Etnografías de la muerte y las culturas en América Latina*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha.
- Gaete Ortega, D.; Papathanassoglou, E. & Norris, C. (2020). The lived experience of delirium in intensive care unit patients: A meta-ethnography. *Australian Critical Care*, 33 (2), 193–202. <https://doi.org/10.1016/j.aucc.2019.01.003>. PMID:30871853
- Gayol, S. & Kessler, G. (2011). La muerte en las ciencias sociales: una aproximación. *Persona y Sociedad*, 25 (1), 51-74.

- Gazzotti, L. (2016) Ética profesional y antropología argentina. Reflexiones en diálogo. *Avá*, 28, 73-99.
- Giampaoli, M. (2019) L'islam tropical face à la mort. Une ethnographie du cimetière musulman de Guarulhos (São Paulo). *Remmm. Revue des mondes musulmans et de la Méditerranée*, 146, 121-138. <https://doi.org/10.4000/remmm.13712>
- Godelier, M. (Comp.). (2014). *La mort et sous au-delà*. Paris: CNRS Éditions.
- Gómez Ruiz, S. (2013). "Sí, me he sentido triste, pero no se lo puedo decir": la reflexividad etnográfica en la investigación sobre emociones de La muerte con niños y niñas de Sumapaz en contexto de (pos) conflicto. *Antípoda. Revista de Antropología y Arqueología*, 16, 137-156. <https://doi.org/10.7440/antipoda16.2013.07>
- Goodwin-Hawkins, B. & Dawson, A. (2017). Life's end: Ethnographic perspectives. *Death Studies*. Philadelphia, 42 (5), 269-274. <https://doi.org/10.1080/07481187.2017.1396394>. PMID:29265962
- Goody, J. (1962). *Death, Property and the Ancestors: A Study of the Mortuary Customs of the LoDagaa of West Africa*. Stanford: Stanford University Press.
- Guber, R. (2001). *La etnografía. Método, campo y reflexividad*. Buenos Aires: Norma.
- Hertz, R. (1917/1990). *La muerte. La mano derecha*. México: Alianza editorial.
- Hidalgo, C. (Comp.). (2010). *Etnografías de la muerte: rituales, desapariciones, VIH-SIDA y resignificación de la vida*. Buenos Aires: Ed. Ciccus-CLACSO.
- Hine, C. (2004). *Etnografía virtual*. Barcelona: UOC.
- Humphreys, H. & King, H. (Eds.). (1981). *Mortality and immortality: The anthropology and archaeology of death*. London: Academic Press.
- Irrazábal, G. (2015). La autonomía es pecado: Dios da la vida, Dios la quita. La decisión ante la muerte como problema social. *Revista Patagónica de Bioética*, 2 (3), 58-70.
- Kobelinsky, C. (2020). Who Cares About Ouacil? The Postmortem Itinerary of a Young Border Crosser. *American Behavioral Scientist*, 64 (4), 525-539. <https://doi.org/10.1177/0002764219882993>
- Latchman, R. (1915). *Costumbres mortuorias de los indios de Chile y otras partes de América*. Santiago: Sociedad Imprenta-Litografía "Barcelona".
- Le Theule, M. A.; Lambert, C. & Morales, J. (2020). Governing Death: Organizing End-of-life Situations. *Organization Studies*, 41 (4), 523-542. <https://doi.org/10.1177/0170840618800107>
- Leonardini, N.; Rodríguez Quispe, D. & Cabanillas Delgadillo, V. (Comps.) (2004). *Imágen de la muerte*. Lima: Universidad Mayor de San Marcos.
- Lolas Stepke, F. (2010). *Bioética en América Latina. Una década de evolución*. [Monografía, Universidad de Chile].
- Lomnitz, C. (2003/2006). *Idea de la muerte en México*. México: Fondo de Cultura Económica.
- López Machado, M. (2020). Muerte y comunidad en Amaicha del Valle (Valles Calchaquíes. Tucumán). *Papeles de trabajo*, 37 (37), 49-76. <https://doi.org/10.35305/.v0i37.5>
- Lowman, J. & Palys, T. (2013) The betrayal of research confidentiality in British sociology. *Research Ethics*, 10 (2), 97-118.

- Maia, M. (2020). Práticas tecidas pela fé no cotidiano das devoções aos milagreiros em cemitérios do Ceará. *Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer*, 4 (8), 331-360. <https://doi.org/10.9789/2525-3050.2019.v4i8.331-360>
- Malinowski, B. (1966/1985). *Crimen y costumbre en la sociedad salvaje*. Barcelona: Planeta-Agostini.
- Marquez, I. (2014). Ética de la investigación etnográfica en los cibermundos. *Anthropologica*, 32 (33), 111-135.
- Martínez, B. & Valdata, M. (2020, 9 diciembre). *Conferencia dictada en el marco del III Encuentro - Ciclo de diálogos del Colegio de Graduados en Antropología de la República Argentina* [Video]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=xqV8MV0qe18>
- Martínez, B. (2013, 12 septiembre). Taxonomías de la muerte: suicidio, incesto y reciprocidad en El Cajón (Catamarca, Argentina). *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*. <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.65771>
- Matta, J. P. (2019). A propósito de la codificación ética de la antropología social en la Argentina. Entre la necesidad de afirmación institucional y el riesgo de reduccionismo normativo. *Publicar*, 17 (27), 34-50.
- Medina, A. & Mazolla, E. (2007). Comités de ética-bioética en la institución universitaria: análisis del caso en la Universidad Nacional de San Luis. *Fundamentos en Humanidades*, 8 (16), 97-112.
- Menezes, R. A. (2004). *Em busca da boa morte: antropologia dos cuidados paliativos*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Menezes, R. A. (2006). *Díficeis decisões: etnografia de um centro de tratamento intensivo*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Metcalf, P. & Huntington, R. (1991) *Celebrations of death. The Anthropology of mortuary ritual*. Cambridge: Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511803178>
- Murdock, G. et al. (1938) *Outline of cultural materials*. New Haven: Institute of Human Relations.
- Ohanian, J. (2019). "Entre enemigos": Límites morales y trabajo de campo. *Publicar*, 17 (27), 62-74.
- Orjuela Villanueva, D. C. (2020). ¿Qué hacemos con tanto muerto junto? Tratar la muerte violenta y masiva en el Medio Atrato. *Revista Colombiana de Antropología*, 56, 51-78. <https://doi.org/10.22380/2539472X.648>
- Palgi, P. & Abramovitch, H. (1984). Death: A cross-cultural perspective. *Annual Review of Anthropology*, 13, 385-417. <https://doi.org/10.1146/annurev.an.13.100184.002125>
- Parkes, C.; Laugani, P. & Young, B. (Eds.). (1997). *Death and bereavement across cultures*. London: Routledge.
- Reigada, C.; Arantzamendi, M. & Centeno, C. (2020). Palliative care in its own discourse: A focused ethnography of professional messaging in palliative care. *BMC PalliativeCare*, 19 (1), 2-10. <https://doi.org/10.1186/s12904-020-00582-5>. PMID: 32571288. PMCID: PMC7310281
- Restrepo, E. (2016). Labor etnográfica. En E. Restrepo (Ed.). *Etnografía: alcances, técnicas y éticas* (pp.15-31). Bogotá: Envión. <https://doi.org/10.26620/uniminuto.polisemia.12.21.2016.15-28>
- Robben, A. (Ed.). (2004). *Death, mourning and burial: A cross-cultural reader*. Oxford: Blackwell.
- Rockwell, E. (2009). *La experiencia etnográfica. Historia y cultura en los procesos educativos*. Buenos Aires: Paidós.



Sandí Delgado, J. C. & Cruz Alvarado, M. A. (2017). Repositorios institucionales digitales: Análisis comparativo entre Sedici (Argentina) y Kérwá (Costa Rica). *e-Ciencias de la Información*, 7 (1), 5-34. <https://doi.org/10.15517/eci.v7i1.25264>

Sanjari, M. *et al.* (2014). Ethical challenges of researchers in qualitative studies: the necessity to develop a specific guideline. *Journal of medical ethics and history of medicine*, 7, 14.

Santi, F. (2016). Ética de la investigación en ciencias sociales Un análisis de la vulnerabilidad en la investigación social. En: F. Santi (Ed.). *Ética de la investigación en ciencias sociales Un análisis de la vulnerabilidad en la investigación social* (pp. 99-113). Ginebra: Globethics.net.

Suárez-Obando, F.; Gómez-Restrepo, C. (2017). Aspectos éticos de la investigación etnográfica en salud. El papel del comité de ética de la investigación. *Persona y bioética*, 21 (2), 330–343. <https://doi.org/10.5294/pebi.2017.21.2.11>

Thomas, L.-V. (1975/1993). *Antropología de la muerte*. México: Fondo de Cultura Económica.

United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (2005) *Declaración de Bioética y Derechos Humanos*. http://portal.unesco.org/es/ev.php-URL_ID=31058&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html

Uzal, L. (2019). Cuerpo muerto y materialidad: exploraciones teóricas-conceptuales. *Tabula Rasa*, 31, 361–380. <https://doi.org/10.25058/20112742.n31.15>

Vasilachis de Gialdino, I. (2006). *Metodologías cualitativas*. Barcelona: Gedisa.

Villalón, L. (2020). "Where do they think they go?": An ethnography of mothers with deceased children on communication after death. *Disparidades. Revista de Antropología*, 75 (2), e018.

Zenobi, D. (2019). El anonimato rebelde. Ética y conflicto en el trabajo de campo. *Publicar*, 17 (27), 51–61.

Recebido em: 4 de maio de 2021

Aprovado em: 14 de novembro de 2021

